

## O diário de Pietra

Vaniele Medeiros da Luz.

Lia abre o velho livro em uma página qualquer e lê em voz alta:

— “Olho para o céu cinzento. Não há sol, não há pássaros, não há vida. Paisagem imóvel. Quisera eu, sentar na varanda, apanhar um pouco de sol, comer carambola e bolo de milho, ouvindo uma canção qualquer. Em frente à rua quinze, crianças brincam de roda. Aqui não se vêem crianças. Aqui não se vêem muitas coisas. Faz frio. Na rua o vento...brando e fresco...vai o pensamento na suave carícia das folhas...saudade...Tenho vivido numa atmosfera depressiva, acho que é o frio, os dias chuvosos e a saudade...Mamãe me liga, ...mas esse aperto no peito...”

Deitadas sobre a colcha rosa de borboletas azuis, Lia e Sarah, duas moças de mentalidade definida e arrojada filosofam. Lia, a mais velha, estuda Ciências Sociais e Sarah ainda está no cursinho pré-vestibular. Amigas desde a infância, Lia e Sarah costumam passar o tempo livre juntas, compartilhando segredos e desvendando mistérios do passado.

Desde que Lia encontrou no porão, sob os amontoados de livros velhos, o diário de Pietra, as duas têm passado horas trancadas no quarto, lendo e dissecando cada palavra.

- O que quer dizer biquinha? Pergunta Sarah.
- Não sei.
- È, aqui no diário está escrito: “ Meus pés estão congelando, lembro-me dos dias de sol que passava à beira da praia...do calçadão...da casa da Regina...Aqui nem no verão podia-se ir à praia..muito trabalho...e o máximo que posso fazer agora é beber uma biquinha para me aquecer...”
- È cafezinho...impressionante essas diferenças que existem entre o português do Brasil e de Portugal, né?
- È, e acho que devo estudar mais essas diferenças, o vestibular já é no mês que vem.  
Diz Lia num tom preocupado.

Pietra era mulher modesta, humilde, sonhadora. Moradora de um bairro pobre da cidade, rua quinze. Filha de Dona Conceição, uma lavadeira portuguesa, Pietra, sem emprego e sem marido, decide tentar a sorte em terras estrangeiras.

Olhos fadigados e mãos que retratam trabalho árduo somam alguns anos na aparência da jovem de vinte anos. E Pietra parte...entre lágrimas e a esperança de uma vida melhor.

-Que letra ilegível...Meu Deus!!! Diz Lia

-Puxa! É mesmo...mas dá pra ler sim ...

Lia faz um esforço, ajeita os óculos...arregala os grandes olhos verdes de descendência portuguesa e soletra as palavras...

\_ Olhei para minha mãe...choramos...olhei para Joana, era como um anjo dormindo. Olhos fechados. Serenos. Das lágrimas que eu não queria despejar, guardei uma promessa: a segurança de dias melhores. Saí na calada da noite e embarquei...olhando aquela cidade...a minha cidade...cada vez menor.

Passo a noite acordada...meus olhos pesam...a minha volta, rostos desconhecidos. Medo. Mais algumas horas e desceremos em Lisboa. Sem pai, mãe, marido e filha, lá estarei, sem ninguém, disposta a lutar, trabalhar, e voltar pra casa.

\_ Continua Lia...Agora que estava ficando boa a história...

\_ Não consigo...as próximas páginas estão borradas.Acho que deve ter molhado.

\_ Também pudera né, este diário já viveu grandes aventuras.!!!

\_ Julho... Lia continua a leitura...È verão aqui..faz muito calor...Lágrimas e suor se misturam e escorrem pelo rosto de semblante triste. Olho o espelho. Já não vejo a Pietra sonhadora dos dias de chegada. È como se estivesse nascendo de novo...aprendendo a dar os primeiros passos, a andar, falar...Aqui tudo é diferente.

Quando digo tudo, é tudo mesmo. As pessoas, as casas, as ruas, as feiras...até o ar... Aqui se deve trabalhar e muito, ou te colocam na rua. Já passei noites em claro, chorei até o amanhecer, me desesperei, pensei em voltar. Sem dinheiro, sem casa, sem família, sem comida. Vivi o terror. Trabalhei no restaurante, no açougue – ou talho – que é como os portugueses se referem a açougue, na feira, no supermercado e agora cá estou eu, sentada sobre minha cama, no meu quarto de empregada. È hora do almoço...não tenho vontade de comer, o calor é insuportável. Incêndios naturais vêm ocorrendo por todo o país. È meu primeiro verão aqui. Decido escrever, porque é através das palavras que minha história se mantém viva. Uma hora da tarde. Lia pára a leitura, esfrega os olhos e propõe a Sarah:

\_ Estou cansada, vamos tomar um suco? Podemos continuar a leitura lá no jardim.

\_ Tudo bem. Responde a amiga.

As moças se retiram do quarto, e seguem em direção à cozinha.

\_ Laranja ou abacaxi?

\_ Abacaxi, responde Sarah, observando um retrato antigo pendurado na parede.

\_ Sabe quem são elas? Pergunta Lia

\_ Não...

\_ Aquela de cabelos encaracolados é minha avó Conceição, a menina no colo dela é minha mãe...Esquisitas as roupas delas, né?

\_ È mesmo, e esta aqui atrás, quem é? Pergunta Sarah apontando para uma bela mulher de vestido listrado.

\_ Não sei. Devia ser uma parenta delas. Nossa família até que é bem grande.

Lia pega o diário e a jarra de suco, Sarah carrega numa bandeja os copos e algumas fatias de bolo de milho, a especialidade de D. Conceição, a avó de Lia. Dirigem-se ao jardim. Lia mora com os pais, Joana e Afonso, que são comerciantes e D. Conceição, a avó, uma mulher de setenta e um anos, muito prendada, que não abre mão de tomar conta do jardim e do pomar da família.

\_ Então, onde paramos? Pergunta Sarah.

\_ No primeiro verão de Pietra em Portugal. Lia responde, abrindo o diário e folheando as páginas.

\_ Não vejo a hora de chegarmos no fim, e descobriremos quem é essa mulher misteriosa.

\_ Então mãos à obra. Continue a leitura, Sarah.

\_ Está bem.

E Sarah começa a leitura:

\_ Lembranças. Há dias em que a nostalgia me encontra e nesses dias vou à procura da terrinha. Não tenho dinheiro para fazer um telefonema e ouvir a voz da minha mãe. Então fecho os olhos e começo a lembrar...Lá, apreciava as serestas no barzinho do Chico...Saudade de tanta gente...dos meus amigos, dos primos, da minha mãezinha e seus doces e licores, que nunca mais provei. Saudade do meu anjinho, daquelas mãozinhas tão leves, tão brancas, inocentes. Saudade de tanta coisa...dos domingos de missa, do padre Álvaro e do Coral, saudade de andar de bicicleta no sítio da tia Ignácia,

de beber água da fonte, o leite fresquinho e o pão de manteiga. Saudade daquele cheirinho de mato, e de terra molhada, quando chove, que só a minha cidade é que tem. Foram tantas coisas, tantas pessoas que passaram na minha vida, que quando bate a saudade, chega a doer o peito. Não sei se isso é bom ou é ruim, porque infeliz daquele que saudade não sente. É sinal de vida vazia. Sinal de que não viveu bons momentos.

\_ Que lindo! Comenta Lia.

\_ Ei, será que Pietra, deixou uma filha aqui no Brasil? Ela vive falando de um anjinho! Que mãe desnaturada!. Argumenta Sarah.

\_ Estou certa que sim. Mas Pietra foi uma mulher que investiu na tentativa de imigrar pra Portugal em busca de crescimento e uma vida melhor. E eu aposto que ela fez isso pensando na filha, e na mãe também. Agora pode deixar que eu continuo.

Lia pega o diário das mãos de Sarah e prossegue.

- Faz tempo que não escrevo. Muito trabalho e pouco tempo. Mal consigo respirar. Limpando o armário, hoje pela manhã, encontrei o diário sob algumas roupas velhas e esquecidas. Peguei-o e agora recomeço minhas escrituras. Desde a última vez que escrevi, algumas coisas têm mudado por aqui. Fecho a janela. O inverno chegou. Chegou mais frio que nunca. E com ele, as recordações. Elas sempre se multiplicam nessa época do ano. Mas as coisas têm mudado por aqui. É outubro, e nesse mês completam cinco anos de minha estadia em país estrangeiro. Mamãe telefonou ontem e eu a deixei a par das novidades. Em breve, estarei casando. Oswaldo é brasileiro também. Ele é dono de um restaurante aqui em Lisboa, onde comecei a trabalhar como cozinheira. O cardápio é variado, mas os pratos brasileiros são os mais pedidos. Quando comecei a trabalhar, me senti em casa. Foi algo que nunca havia sentido. Adentrei o estabelecimento, à procura de emprego, e me deparei com um lugar definitivamente à brasileira. A decoração consiste numa enorme variedade de itens verde-amarelos, as toalhas, com bandeiras desenhadas, os empregados, todos brasileiros e muito simpáticos. O lugar atrai muitas pessoas, turistas de várias nacionalidades. Daquele dia em diante, minha vida começou a mudar. O sorriso voltou a brilhar na minha face, e o trabalho já não era obrigação e sim prazer. A saudade ainda existe. Mas já não dói tanto como antes. Agora sinto orgulho. Orgulho de ser brasileira.

- Nossa que lição de vida! Completa Lia.
- Essa mulher é mesmo de fibra.
- Ela devia ter algum parentesco com os antigos moradores da nossa casa. Parece que faz tempo que o diário estava lá embaixo no porão. A umidade prejudicou algumas páginas. Dê uma olhada. As próximas páginas estão ilegíveis novamente. Pontua Lia.
- È, e o pior é que são muitas. Olhe! Poderia haver algo importante, alguma revelação, sei lá...
- Pois é, mas a única alternativa que temos é continuar.

Lia deixa as páginas ilegíveis para traz e continua a leitura num ponto cujo título é “As voltas que a vida dá”:

- Hoje acordo um pouco melhor que ontem. Caminho pelo corredor. Entro num quarto, depois em outro e em outro. Não esqueci nada. Sento-me na varanda. E como um filme, lembro-me dos momentos que vivi nesta terra. Da chegada, sem ter onde cair morta. Saudade da minha terra, do meu Brasil, da minha cidade, da rua quinze, da minha casinha e da minha família. Lembro-me do sentimento de desamparo e desaconchego, em que me envolvia numa coberta e chorava e pensava e passava noites em claro naquele quartinho dos fundos da casa dos Silva. Pensando...pensando...em como e onde arrumar um emprego para sustentar minha filhinha. Olho para a praça. Os autocarros rodando. E as árvores. O verde das folhas me faz lembrar o restaurante do Oswaldo. No começo só do Oswaldo...depois, o nosso estabelecimento. Trabalho duro, vida digna. Tive sorte. Muitas brasileiras que vêm tentar a sorte por aqui acabam sem emprego e caíram na prostituição. Conheci algumas. Conheci também muitos brasileiros e brasileiras que tiveram a mesma sorte que eu. E vivem aqui. Felizes. Bons tempos. Boas lembranças. Cheguei aqui, menina-moça, e vou-me embora mulher madura. Vinte anos é muito tempo. È muito tempo pra quem cresceu, viveu, casou, enriqueceu, enviuvou. È muito tempo pra quem há vinte anos não vê a mãe pessoalmente. È muito tempo pra quem tem uma filha que nem sabe que é a sua filha. È muito tempo pra quem vai ser avó em poucos dias. E dedico este diário, páginas concretas de minha história, às três grandes mulheres da minha vida: minha mãe, D. Conceição, minha filha Joanna e

minha neta Lia. Minha mãe, que é cúmplice de minha história, e foi quem me apoiou, eu tenho a certeza de que me receberá de braços abertos. À minha filha, que tem como mãe D. Conceição, e à minha netinha, peço desculpas pela ausência. Mas digo-vos que a nada na vida é por acaso.

Abaixo das últimas escrituras de Pietra, há colada sobre a folha, uma manchete de jornal: “Avião que viajava em direção ao Brasil, vindo de Lisboa, explode no ar, já em águas brasileiras.”

Lia mal consegue terminar a leitura. Fecha o diário. Abraça Sarah. De ambos os olhos, destilam-se lágrimas. Definitivamente a moça do retrato na cozinha era Pietra, a avó de Lia, porque D. Conceição passava a ser a bisavó agora. E saíram abraçadas, em direção a casa. Caminhavam devagar, sem pressa, com a certeza de que nada na vida acontece por acaso.

